

Soy contra el blogueo económico

BETO VIANNA

PRÓLOGO

Já ouviu falar no caso da blogueira cubana? Você e gente demais. Por isso eu peço licença para, em nome do contexto e o contraste que o assunto merece, falar de outras coisas bem diferentes, e só superficialmente parecidas, com o caso da blogueira cubana.

Em fevereiro, o TJ de São Paulo decidiu que o blog Falha de S. Paulo continua fora do ar. Como sugere o nome, o blog parodia o jornalão da família Frias, criticando os muitos deslizes da Folha. Pois esta entrou na justiça com uma alegação comercial: a marca do blog espelhava a do jornal. Nem um pio sobre vozes silenciadas, opiniões amordaçadas, o velho assunto da liberdade de expressão. Tão velho que, deste texto em diante, me abstendo de repetir o maltratado termo.

Voltando no tempo, em 7 de dezembro passado, o "7D" não vingou. Era a data marcada pra entrar em vigor a argentina Ley de Medios, a reforma agrária do terreno midiático que garante um terço das frequências aos veículos sem fins lucrativos. O latifúndio é do Clarin, uma espécie de Globo hermana que, além de circular o principal jornal do país, engole até 60% dos mercados de rádio e TV. Espanta não só o monopólio, mas o poder de fogo que esse negócio dá ao negociante. Fogo suficiente pra deixar o 7D em banho-maria, apesar do apoio da sociedade argentina.

Vamos retroceder mais. Em julho de 2010, o site WikiLeaks, de Julian Assange, divulga documentos do Exército americano sobre a guerra do Afeganistão. Um mês depois, a Justiça da Suécia expede mandados de prisão contra Assange, por estupro e agressão sexual. Com atenuantes da suposta vítima, a justiça retira a ordem de prisão, mas volta atrás em setembro. Em novembro, as autoridades suecas pedem à Interpol a captura e a extradição de Assange. No dia 28, o WikiLeaks divulga uns 250 mil documentos do Departamento de Estado dos EUA, desnudando os comportamentos de espionagem mais escabrosos. Dois dias depois, a Interpol distribui pelo mundo uma "notificação vermelha", tratamento dispensado a facinoras de alto calibre. Se extraditado para a Suíça (onde é aguardado com o processo de estupro), Assange arrisca-se a ser julgado como terrorista e a passar o resto dos seus dias em Guantánamo, base norte-americana situada em uma ilha chamada Cuba.

Há histórias mais antigas. Em 2003, o estudante Marcelo Baeta recebeu uma lista de jornalistas demitidos a pedido do governador Aécio Neves, ou, melhor, a mando da primeira dama da comunicação mineira, Andreia Neves. O caso mais

conhecido foi o de Marco Nascimento, diretor de Jornalismo da TV Globo Minas, que havia feito uma matéria desfavorável ao governo. Em 2004, o governo mineiro lançou uma campanha sobre o "déficit zero" no Estado. Marcelo Baeta sacou que uma matéria do Jornal Nacional era idêntica à campanha oficial, mesmo em minúcia do texto. Esse mexidão midiático de censura à imprensa, notícias pagas e demissão de profissionais dissonantes virou prato frito para um escândalo que nunca alimentou o grande noticiário. Como trabalho de conclusão de curso, o aluno fez um documentário popularíssimo, mas não noticiadíssimo, no YouTube. Traz o singelo nome, tão ao gosto do saudoso Tancredo, de "Liberdade, essa palavra".

As quatro histórias acima, que vão do recente ao nem tão recente e percorrem do global à meu próprio bairro mineiro, são variações de um tema: a independência entre o meio utilizado (a mídia) e os propósitos da comunicação. Da conversa de boteco em press release de uma agência internacional de notícias, a pergunta mais interessante a se fazer é a que serve, ou a quem serve, o "mal que sai da boca do homem".

Mas não haverá diferença entre o que é veiculado por uma potência da comunicação e um fofoqueiro da esquina? Sim, mas insisto que a diferença reside no propósito de quem veicula. Mal parafraseando o teórico da comunicação McLuhan, a mensagem é o meio do meio. Se a música que toca em seu aparelho é ruim, tanto pior se o amplificador for bom. Leis restritivas e tentativas de controle sobre os conglomerados midiáticos nas ditas democracias ocidentais são o reconhecimento de que



há propósitos suspeitos na imprensa dita livre, e o mundo será um lugar mais seguro se ela abrir a boca com menos frequência.

Reconheço que há uma tensão entre uma velha e uma nova ordem da comunicação. A velha ordem é representada pelo tripe tradicional - rádio, jornal e TV -, nas mãos de grupos econômicos poderosos, oligarquias regionais e nações de primeiro time. Na nova ordem, modos alternativos de expressão pelos caminhos abertos pela web. O blog é alternativa democrática ao monopólio da imprensa, o tuíte é alternativa às agências de notícia, e outras redes sociais, alternativa (nem sempre democrática) ao burburinho da sociedade.

O blog Falha de S. Paulo é uma alternativa de conteúdo, ideologia e propósito à Folha. O blog não tem muitos watts no amplificador, e nem precisa: é a boa música que ele toca que motivou a ação judicial da Folha, acostumada, como está, a fazer-se ouvir sozinha.

O Clarin não quer largar o osso, apesar do resto dos mortais na Argentina ter percebido que muitas vozes são melhores que uma. Se o Clarin fosse uma rede de mídias mais comprometida com a população, orientada para o bem-estar físico e cultural das pessoas, a sociedade argentina estaria tão ansiosa para desmantelar seu arsenal de amplificadores? Desconfio que não.

Assange arrumou um belo amplificador: divulgar documentos top

secret dos EUA. Podemos dizer que sua mensagem é constitutiva da potência do meio. A internet tem dessas coisas. O conteúdo do Wikileaks é tão importante para muitos, e tão desagradável para outros (esses, melhor aparelhados na repressão), que exige dos ofendidos uma reação à altura, retirando, por todos os meios, os meios de sua expressão. Prenda-se e arrebeite-se. Cale-se. Para eles servem a justiça e a polícia, a Law & a Order.

Finalmente, na montanhosa Minas,

a situação é tão bizantina que me custa mais defender a independência da mensagem. O governo controla o meio, o meio controla a mensagem. E aí de quem romper esse pacto católico. Restam, aos dissidentes, "blogs sujos" e outros canais menos bem pagos, principalmente na internet (as redes sociais são, no caso, apenas um palco reticente de batalhas menores: não há espécie animal mais bem adaptada à ecologia do Facebook que a tradicional família mineira e seus filhotes superficialmente transviados).



O CASO DA BLOGUEIRA CUBANA

Quando menos se espera, surge a anomalia. Anomalias são danadas de educativas. Elas nos ajudam a entender como o sistema funciona, a nos mostrar o sistema funcionando do jeito errado.

Há séculos que propaganda e contrapropaganda são armas utilizadas na guerra política. Nada mudou com as novas mídias, a não ser as próprias mídias. Na guerra fria, mais que as transmissões de rádio e TV, que os satélites, cabos telefônicos e terminais de telex, era o exaltar do componente ideológico que servia, ele mesmo (a mensagem!), de amplificador das certezas nos corações e mentes dos peões de ambos os blocos.

Vou tomar partido, pois a mim ainda soa claro (perdoe se soo antiquado) que um desses lados tem motivações econômicas mal confessadas por trás de termos como "democracia", "liberdade" e "oportunidade". Concorro com Darcy Ribeiro quando ele diz que, muito antes da guerra fria, vive-se na América Latina a exploração organizada de gentes, levada a cabo por associações capitalistas com endereço comercial conhecido: os EUA. Não é histeria o mito do "Império". Se apertar a curiosidade, pesquise os últimos 150 anos de qualquer país latino-americano: Brasil, Chile, Bolívia, Haiti, Cuba... Em graus diferentes, você vai tropeçar num festival de horrores, desde interferência nas soberanias até manipulação da imprensa, financiamento secreto de grupos políticos e paramilitares, torturas, desaparecimentos, o escambau. O objetivo era e é aumentar a participação de grupos econômicos norte-americanos na exploração das gentes e dos recursos desses países. Estou aberto a leituras diferentes.

Por outro lado, a América Latina nunca foi presa fácil. Darcy também nos conta, em As Américas e a civilização, que nos inventamos a maioria dos modos de se fazer revolução. Nossa história está repleta de Martíis, Bolívarres e Guevaras, gente pouquíssimo estudada nos bancos de escola brasileiros. Cuba tem uma história especial nessa história.

Vizinha quase siamesa do Império, a ilha foi candidata a quintal produtivo dos EUA desde a mais tenra idade, desde antes de livrar-se da Espanha. Seguindo uma série de reveses e lutas que culminaram na Cuba revolucionária dos anos 50, a grande ameaça que a ilha representa para os EUA não é a democracia ou a liberdade. É o propósito da ilha (como é, hoje, o propósito da maioria dos países latino-americanos) de que sua gente viva para si própria e, não, para um agente econômico externo. O bloqueio econômico imposto pelos EUA não é uma resposta à Cuba comunista. Trata-se de perder o quintal. E os EUA perderam esse quintal, ainda que à custa de muito sacrifício por parte do povo cubano. Sacrifício por conta do bloqueio, e, não por conta de um regime "de fome". Essa última descrição melhor se aplicaria ao Brasil do século XX (quem sente arripes de indignação com a situação cubana não circulem o suficiente por nosso próprio país).

É claro que há o componente ideológico, e um movimento de propaganda e contrapropaganda da ilha para fora, tanto quanto de fora para a ilha. Há uma imprensa cubana controlada pelo governo? Sim, se entendermos por "controle" a manutenção de um meio para as mensagens de governo, ou se nos assombramos ao ver um órgão de imprensa que não é propriedade privada de ninguém (sabemos, em Minas, que essa relação pode dar). A pergunta razoável, como fizemos para o Clarin, é: por que não vemos os cubanos arrancarem os cabelos ao serem tolhidos em suas liberdades individuais de (ops, lá vem aquele termo) expressão? Ou os cubanos viraram docéis cordeiros após a revolução, ou Fidel inventou os mais eficientes aparelhos de repressão na ilha. Nem um nem outro. Certos ou errados, os cubanos, com seu nível de educação (no sentido amplo) bem acima da média latino-americana, mostram-se mais identificados com os projetos realizados e comunicados pelos meios disponíveis. Que, aliás (se pudermos não acreditar na nossa imprensa livre), não se resumem ao Granma.

Do lado de fora da ilha, o exercício de propaganda e contrapropaganda continua bastante ativo. Rádio, jornal, TV, e agora a internet em toda a sua glória, todo e qualquer meio sempre foi utilizado. Esse movimento é velho como a revolução, e é, sabidamente, financiado pelos EUA. Seja abertamente, por associações de americanos direitistas ou cubanos dissidentes adotados pelos EUA, seja na moita, pelo Departamento de Estado. Os blogs, é certo, deram novo alento à propaganda, driblando, dentro da ilha, a imprensa oficial. Mas o conteúdo desses novos amplificadores se repete monotonamente há 50 anos. Os mesmos clichês sob o sol. A ditadura dos irmãos Castro, a imprensa amordaçada, o paredão, o sucateamento da tecnologia, a pobreza dos cubanos... Navegue pela internet, está tudo lá, como em rolos de papiro. Uma oposição fabricada, financiada desde fora, tem poucas chances de renovar suas mensagens (os propósitos são alheios), pouco importa quão potentes sejam seus amplificadores. Mesmo as mentiras mais sinceras precisam de um caldo de cultura natural para vicejar.

Mas, então, não haverá espaço para uma anomaliazinha? Uma mensagem com cara, jeito, cheiro e vestido de nova, ainda que não seja nada disso? Acho difícil. Um regime a que se atribui tal eficiência opressiva sobre meios e mensagens não iria tolerar uma voz dissidente vivendo em solo cubano (quando quer), ou rodando pelo mundo (quando quer), ganhando milhares de dólares e prêmios na estrutura midiática do ocidente e, como se esses meios não bastassem, dona dum blog de repercussão mundial, traduzido em dezenas de idiomas, e de um pós-moderno amplificador tuitero com 200 mil seguidores.

Isso sem falar no caso da blogueira cubana.

* Texto original e completo em / revistapittacos.org/2013/02/26/soy-contra-el-blogueo-economico/